

**AÇORES
TEMPORADA
DE MÚSICA 2010**
www.azorestemporada.com

Uma iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores através da Direcção Regional da Cultura



Os Intérpretes no Período Republicano

MARIA JOSÉ ARTIAGA
PROFESSORA INVESTIGADORA DO CESEM

A música em Portugal foi, ao longo do século XIX, disputada por músicos amadores e profissionais. No âmbito doméstico, uns e outros juntavam-se frequentemente para fazer música de câmara. O mesmo sucedia nos concertos públicos. Entretanto a música instrumental foi lentamente entrando nos hábitos dos portugueses, quer pela vinda de excelentes intérpretes estrangeiros, particularmente a Lisboa e ao Porto, quer devido ao esforço de alguns músicos portugueses que divulgavam, sempre que possível, o repertório solístico e de câmara. Foi o caso de Moreira de Sá, no Porto, através dos quartetos em que tocou e do Orpheon Portuense que criou em 1881, e de Alexandre Rey Colaço e Michel Angelo Lambertini nos grupos de câmara com que se apresentaram. À medida que o grau de profissionalismo exigido se ia tornando cada vez maior, os intérpretes portugueses começaram a procurar uma formação mais avançada no estrangeiro.

Até então, quando a sua formação musical não era feita nas escolas de música oficiais, como o Conservatório Nacional, restavam as escolas particulares como a Academia dos Amadores de Música, os professores particulares, para as famílias mais abastadas, ou os próprios pais para os primeiros ensinamentos. Estudar no estrangeiro constituía o final de uma etapa só acessível aos filhos das famílias com mais recursos financeiros, como aconteceu com Augusto Machado (1845-1924), ou a jovens prodígios, como fora o caso de Viana da Mota (1868-1948) que, ao terminar o curso de piano com doze anos no Conservatório Nacional, usufruiu da ajuda financeira da coroa para continuar os seus estudos em Berlim no Conservatório dos irmãos Xavier e Filipe Scharwenka. O mesmo se deu com o pianista e compositor Óscar da Silva (1870-1958) e com o violoncelista Guilhermina Suggia (1885-1950). O primeiro, depois de ter iniciado particularmente as suas aulas de piano no Porto e, depois, no Conservatório

Nacional em Lisboa, prosseguiu em Leipzig os seus estudos de música com uma bolsa que lhe foi concedida pela rainha D. Amélia. Mais tarde teve aulas particulares com Clara Schumann, tendo recebido, para esse fim, um importante contributo financeiro de uma família capitalista do Porto. Quanto a Guilhermina Suggia, começou por estudar violoncelo com o pai, tendo tido, em seguida, algumas aulas particulares com Pablo Casals que, na altura, tinha sido contratado pelo Casino de Espinho. Terminou os seus estudos em Leipzig com Julius Klengel, tendo obtido, para tal, uma bolsa da rainha D. Amélia.

A partir de 1895 os músicos passaram a usufruir de bolsas do Estado para estudo no estrangeiro. Francisco de Lacerda (1869-1934) foi o primeiro estudante a obter uma pensão do governo português, ganha através da prestação de provas públicas no Conservatório Nacional. Partiu para Paris onde estudou no Conservatório como aluno ouvinte, dado não ser permitido o estudo, nesta a instituição, a estrangeiros. Em seguida frequentou a Schola Cantorum onde se iniciou como regente de orquestra.

Os músicos profissionais, com maior destaque durante o período republicano, optaram, na grande maioria, pela Alemanha para fazer os seus estudos, não só pela hegemonia obtida por esse país no domínio musical ao longo dos séculos XVIII e XIX, como pelo relevo que a música germânica vinha ganhando na vida musical portuguesa. Essa foi a opção do pianista e também compositor Luís Costa, que escolheu Berlim e Munique para continuar a estudar, depois de se ter iniciado, no Porto, com Bernardo Moreira de Sá, em piano, violino e violeta.

Na Alemanha encontrava-se igualmente o mais reputado conservatório europeu, junto com o de Paris. Tratava-se do Conservatório de Leipzig, fundado em 1843 por Felix Mendelssohn. Para além de Óscar da Silva e Guilhermina Suggia, foi esse o destino do violoncelista, maestro e compositor da Figueira da Foz David de Sousa (1880-1918), do pianista português Hernâni Torres (1881-1939) e do pianista e



José Viana da Mota

maestro também português Raimundo de Macedo (1889-1931).

Uma cidade pouco procurada, neste período, pelos intérpretes portugueses foi Paris. Para além de Francisco de Lacerda, aí estudou, com a ajuda financeira do conde de Daupias, o pianista nascido em Tânger, Alexandre Rey Colaço (1854-1928), ainda activo no período republicano.

A Itália, como país da ópera e com raízes profundas na vida musical portuguesa, foi o destino de eleição para os cantores. Aí estudaram o barítono algarvio Alfreido Mascarenhas e as sopranos lisboetas Hermínia Alagarim e Maria Júdice da Costa. Quanto a Regina Pacini, soprano nascida em Lisboa, começou por ter aulas particulares com Napoleone Vellani e prosseguiu os seus estudos com a italiana Mathilde Marchesi em Paris.

Se, à excepção do caso singular de Guilhermina Suggia, os homens se destacaram profissionalmente como instrumentistas, profissões nesta época maioritariamente masculina, as mulheres tiveram, neste período e no que o precedeu, um protagonismo sem precedentes no domínio da ópera.

quentemente em público e, em 1934, fundou o Círculo de Cultura Musical.

Se nem todos os intérpretes aqui falados obtiveram o protagonismo de Viana da Mota, de Guilhermina Suggia ou de Francisco de Lacerda, a maioria deles teve uma carreira que não se limitou aos palcos nacionais. Luís Costa, enquanto pianista, apresentou-se não só como solista como tocou com Pablo Casals, com o violinista Georges Enesco, com o pianista Alfred Cortot e com os Quartetos Rosé e Chaumont. David de Sousa, para além de ter sido nomeado director da Orquestra dos Concertos Históricos de Moscovo, apresentou-se como solista com a mesma orquestra. Enquanto maestro em Portugal, teve um papel de grande relevo na difusão de um repertório pouco conhecido do público português. Hernâni Torres, depois de ter finalizado os seus estudos no Conservatório de Leipzig, foi aí professor da classe de piano. Após um período de actividade como concertista, na Alemanha, regressou a Portugal onde dirigiu a Sociedade de Concertos Sinfónicos entre 1921 e 1922.

Quanto aos cantores aqui referidos, a sua carreira foi mais internacional do que nacional, embora, sempre que vinham a Portugal, se apresentassem em público.

Um intérprete com grande importância para a vida musical portuguesa, embora nascido em Espanha, foi Pedro Blanch (1877-1946) que se radicou em Portugal em 1904. Em Lisboa desenvolveu uma intensa actividade no âmbito da música de câmara e como director da Orquestra Sinfónica Portuguesa entre 1911 e 1928. Dirigiu igualmente a Orquestra da Academia de Amadores de Música (1911-1937), com a qual se apresentou frequentemente em público.

Outros intérpretes vocais, instrumentais e regentes de orquestra marcaram este período com uma actividade que teve um forte impacto na vida musical portuguesa. Nalguns casos, a sua história ainda está por contar, noutros a divulgação do seu trabalho mereceria um novo espaço para que os seus nomes não caíam num esquecimento injusto. ♦

Locais de concerto nos Açores

● Auditório do Ramo Grande

Situado no centro histórico da cidade de Praia da Vitória, na Ilha Terceira, o Auditório do Ramo Grande foi inaugurado no dia 5 de Abril de 2003 pelo então Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores, Álvaro Laborinho Lúcio. Abriu as suas portas ao público com a representação de *Dia de S. Vapor*, uma opereta da autoria do compositor Luís Gil Bettencourt. O edifício que alberga o Auditório pertence à

Cooperativa Praia Cultural, encontrando-se a sua presidência a cargo da Câmara Municipal da Praia da Vitória e a vice-presidência a cargo da Filarmónica União Praiense. Com um espaço adaptado a múltiplas funções, o edifício dispõe de um estúdio modernamente equipado, onde já foram gravados discos compactos e DVDs. A excelente acústica que o caracteriza permite levar à cena todos os tipos de espectáculo, sejam de música, teatro, dança ou cinema, sejam conferências, colóquios, congressos e exposições. A sala compõe-se de plateia, balcão e

camarotes, servida por um palco com 100 metros quadrados e um ecrã de cinema com 4 metros por 10 metros. Na zona pública existe um bar. Com uma capacidade para receber cerca de 450 pessoas, apenas no curto lapso de um ano assistiram aos mais diversos espectáculos levados a cabo no Auditório do Ramo Grande quase 30 mil espectadores. No que diz respeito à 7.ª Arte, refira-se que, com a abertura deste equipamento cultural, os filmes foram retomados depois de vinte anos de interrupção da actividade. ♦

JOÃO BORGES DE AZEVEDO



Auditório do Ramo Grande

Compositores da Época da República



Tomás Borba

Estudou no Seminário de Angra do Heroísmo, ao mesmo tempo que aprendia música na Sé daquela cidade, arte que viria a aprofundar no Conservatório Real de Lisboa, onde se matriculou em 1891

nas disciplinas de Piano e Composição. Paralelamente, frequentou na capital o Curso Superior de Letras, tendo sido aluno, entre outros mestres, de Teófilo Braga. Em 1901 entrou para professor de

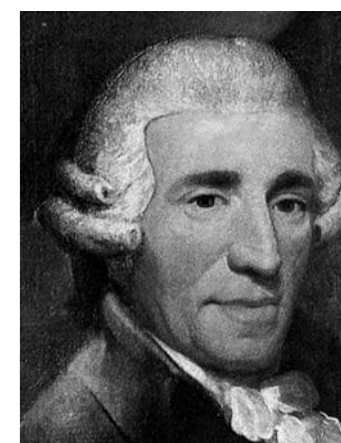
Nome: Tomás Vaz de Borba
Nascimento: Angra do Heroísmo, 23 de Novembro de 1867
Morte: Lisboa, 12 de Fevereiro de 1950

Obras principais: *Te Deum, Requiem, Coros Religiosos, Cantos e Bailatas, Danças Portuguesas, Folhas de Álbum, Prelúdios Fugados* e numerosas melodias para canto e piano.

Harmonia do Conservatório, ali havendo criado, pouco depois, o curso de História da Música, que chegou a leccionar durante alguns anos. Preocupado com a forma antiquada como se ensinava música entre nós, introduziu, ao tempo em que ensinava na Escola Normal Primária de Lisboa, novos métodos de aprendizagem do solfejo, que consistiam na entoação das notas e na ginástica rítmica, criada pelo pedagogo suíço Emile Jacques-Dalcroze. Neste domínio produziu obra sólida e duradoura, consubstanciada nos *Exercícios de Solfejo, O Canto Coral nas Escolas e Escola Musical*, sem esquecer *Toadas da nossa Terra e Canto Infantil*, ambos

fruto da sua colaboração com os poetas Adolfo Portela e Afonso Lopes Vieira, respectivamente. Incansável na modernização do nosso sistema de ensino musical, a ele também se ficou a dever o *Manual de Harmonia* (Lisboa, 1937), o qual representou um enorme avanço no ensino da Composição em Portugal. Professor notável, contou entre os seus discípulos com nomes tais os de António Fragoso, Luís e Pedro de Freitas Branco, Ivo Cruz e Fernando Lopes Graça, com o qual também partilhou a autoria do *Dicionário de Música*, obra ainda hoje indispensável no domínio da lexicografia da especialidade em língua portuguesa. ♦ J.B.A.

SABIA QUE...



F. J. Haydn
(1732-1809)

A Sinfonia n.º 45 em Fá sustenido Menor, também conhecida pela «Sinfonia do Adeus», é a única que foi escrita naquela tonalidade em todo o século XVIII. No adágio final os instrumentos vão-se calando e os músicos saíam um a um até a obra se concluir com apenas dois violinos. Haydn quis assim dizer ao príncipe Eszterházi que os músicos estavam cansados e precisavam de férias. ♦

Esticalimógama apresenta “Benny Hall”

● «Benny Hall» estará em cena no dia 24 de Setembro no Teatro Micaelense e no dia 25 no Auditório do Ramo Grande, às 21h30

Benny Hall segundo o grupo Esticalimógama é uma «paródia voyeurista». Entre filmes de Woody Allen, sonatas de Beethoven, excertos de Beckett, de Pinter, Brecht e uma «Pieta à Botticelli», surgem dois actores e uma pianista com uma peça de teatro e música que desconstrói, com humor, a intelectualização do teatro.

Ricardo Vaz Trindade, actor e autor (mais conhecido por Estica), Paulo Lima e a pianista Joana Gama, vencedora do Prémio Jovens Músicos/2008, juntaram os seus nomes e criaram o Esticalimógama. Com dramaturgia de Helder Wasterlaine a peça *Benny*



Joana Gama, Ricardo Vaz Trindade e Paulo Lima

Hall foi a vencedora do certame Novos Actores 2009 do Teatro Municipal de São Luiz, em Lisboa. Depois de uma temporada no São Luiz, a convite de Jorge Salavisa,

tem sido apresentada noutras cidades e sempre com alguns momentos dedicados a pessoas conhecidas pelos locais ou a características culturais de cada região.

Esta peça, onde o teatro e a música se interrompem mutuamente, promete uma hora de humor, onde o improvisado e o inesperado estão autorizados. ♦



A. Berg
(1885-1935)

O namoro de Alban Berg com Helene Nahowski foi atormentado pelo pai da cantora, Franz Nahowski, que acusava Berg de ser um mau partido por não ter emprego e por ser demasiado católico. Berg converteu-se então ao protestantismo convencendo parcialmente o pai de Helene a autorizar o casamento. Depois da sua conquista, e já casado, Berg abandonou o protestantismo e reconverteu-se ao catolicismo. ♦